

## Educação e cultura da paz

**Hamilton José Barreto de Faria**

*Hamilton Faria é poeta, autor entre outros livros, de "Súbitos Encantos para São Pedra Espanto", professor titular da Faculdade de Artes Plásticas da FAAP, e coordenador da área de Cultura do Instituto Pólis. Participa da Aliança por um Mundo Responsável e Solidário e é animador da Rede Mundial Artistas em Aliança.*

*Publicado em: 05/06/2002*

"Educação e Cultura da Paz" é um tema chave para a compreensão do mundo atual e para a mudança radical de nossos paradigmas civilizatórios. Além de conter, talvez, o maior potencial mobilizador do milênio a cultura da paz aponta para uma nova cultura do ser em sociedade. Qualquer movimento social ou cultural, as políticas públicas e a ação cotidiana deverão, no presente e no futuro, inevitavelmente, conectar-se com este feliz binômio educação - cultura da paz.

### RÁPIDO DIAGNÓSTICO DO MUNDO CONTEMPORÂNEO

Somos viventes e emergentes de um século marcado pela violência e por uma cultura da violência. As construções políticas e geopolíticas, comerciais e culturais do século vinte, ao lado de muitas conquistas da cidadania e do desenvolvimento tecnológico, passaram por processos muito violentos. Se fizermos um breve retrospecto veremos um mundo palco de crimes sociais hediondos: a guerra 14/18 com seus milhões de mortos e utilização de gases venenosos; a guerra civil espanhola onde o fascismo passou eliminando resistentes e população civil e "quase não deixando a grama crescer", como o cavalo de Átila; a segunda guerra mundial com seus 50 milhões de mortos e seus tristes campos de Dachau, Auschwitz, Treblinka; Hiroshima e Nagasaki, vingança exemplar da maior potência da história de todos os tempos, com seus 200 mil mortos; a guerra do Vietnã, Laos, Cambodja, com cerca de 1 milhão de mortos; o resultado soturno das ditaduras do socialismo real e das genocidas ditaduras latino-americanas; segue-se o genocídio israelense de Sabra e Chatila, a guerra do Iraque, Kosovo e o massacre recente do exército israelense nos campos de Jenin. Isto para não falar das guerras emancipatórias : revoluções russa, cubana, chinesa e contra o colonialismo na África e na Índia. Quando quase tudo isso cessou após 1945 nós tivemos 150 guerras com 20 milhões de mortos.

O século XX foi, sem dúvida, um século da morte.

Com o final da guerra fria entramos num mundo tenso, complexo e inseguro marcado pela acumulação de armas químicas, biológicas, bacteriológicas, com a presença de estados terroristas modernos ou tradicionais e a proliferação de grupos terroristas estatais ou para militares.

Jamais poderemos esquecer que vivemos no cenário de uma guerra social sem precedentes na história da humanidade. A cúpula social de Copenhague traçou ,em 1985, um quadro alarmante : "Mais de 1 bilhão de seres humanos vivem numa pobreza abjeta, passando maior parte deles fome todos os dias. E mais de 120 milhões no desemprego e muito mais no subemprego". A crise social expande-se pelo desenraizamento e despertencimento, fruto da imposição de modos de vida pela modernidade, materializados em sociedades que perderam, em grande parte, a sua moralidade, seus valores éticos e espirituais. É possível diagnosticar

hoje uma fratura societária marcada pela exclusão social e cultural, a violência cotidiana e a degradação ambiental, trazendo como resultado um estilo de vida individualista e consumista e a perda dos laços de solidariedade entre as pessoas e no interior das comunidades.

O Brasil com seus indicadores de desenvolvimento humano já conhecidos, a sua fome de um quinto da população e seus 40.000 homicídios anuais é mais do que um reflexo da cultura da violência no mundo contemporâneo.

### O PAPEL DA EDUCAÇÃO

Aqui os processos educativos ganham uma centralidade talvez jamais vista na história contemporânea, não apenas considerando a escola formal mas também a "escola da vida" que é constituída por outros espaços, experiências e saberes. A educação ganha um sentido cada vez mais claro de contribuir para o desenvolvimento humano e não apenas para qualificar jovens e adultos para o mercado de trabalho. Como diz estudo da UNESCO: "A educação não serve, apenas, para fornecer pessoas qualificadas ao mundo da economia: não se destina ao ser humano enquanto agente econômico, mas enquanto fim último do desenvolvimento". Surpreende-me que o discurso corrente ainda seja aquele de preparar o educando para o mercado de trabalho. Escolas marcadas pela lógica empresarial já chamam o seu aluno de cliente. Sem comentários.

Mas, afinal, o que é desenvolvimento humano? Desenvolvimento humano é a conquista de uma vida mais saudável e longa, o acesso a bens e serviços que possibilitem uma existência digna, pessoal e coletiva. Mais ainda o acesso a conhecimentos úteis e a valores éticos e o reconhecimento dos direitos políticos, sociais, econômicos, culturais e ambientais construídos com cidadania e participação. Mais: a possibilidade de produzir e exprimir a sua criatividade e construir com diversidade um rico imaginário. Finalmente: a realização de uma cultura do ser e não apenas uma cultura do ter.

A partir deste referencial podemos já concluir que a educação está predestinada, cada vez mais, a ter um papel complexo e fascinante no desenvolvimento humano.

Mas se o papel da educação é voltar-se para o desenvolvimento humano e não apenas qualificar estudantes para o mercado de trabalho ou mesmo não reverenciar simplesmente valores do passado, como devemos compreender o processo educativo?

Retomo a discussão da UNESCO sobre os quatro pilares da educação pois esta forma de apresentar é a mais completa das que eu tenho conhecimento. Esta separação em 4 itens é convocada e assinada pela UNESCO mas tem a presença dos maiores educadores e pensadores do planeta.

A partir desta apresentação didática faço a minha reflexão, fruto de experiências com educação e cultura e de encontros nacionais e internacionais que tenho participado ao longo destes últimos 20 anos.

#### a) Aprender a Conhecer

Sem dúvida este, desde sempre, é um pilar da educação. Conhecer é uma das finalidades da vida dos seres humanos. Conhecer, descobrir mundos imagináveis ou inimagináveis. Mas devemos perguntar: conhecer o que? O procedimento científico de interpretar o mundo? Existem sociedades cujo cogito é diferente do nosso, mesmo no interior de nossa sociedade. Aprendi com um indiano que a na Índia a maior forma de comunicação é o silêncio, depois o gesto e, por último, a palavra. No mundo ocidental é o inverso. Portanto, a educação deve nos

possibilitar a conhecer o nosso mundo e suas diferentes culturas, mas também outros mundos que se cruzam com os processos transculturais. Não é justo que negros e índios tenham que ser reeducados com nossas categorias e visão e integrar-se ao mundo dos brancos negando a sua essência, a sua ancestralidade, a sua cultura. Há alguns anos atrás o Conselho da Condição Negra da Bahia lutava para incluir no currículo das escolas a capoeira, a música afro, a religiosidade negra. Por outro lado, o conhecer não é apenas da ciência ou dos livros mas do corpo, das habilidades manuais, o sentir, as dimensões espirituais. A escola neste milênio terá que abrir sua mente e suas portas para outros saberes não oficiais ou formais, para a multifacetada experiência humana, contribuindo para novas sínteses oriundas dos saberes e da transdisciplinaridade.

#### b) Aprender a fazer

Este é um tema amplo. Aprender a fazer é desenvolver capacidades individuais e coletivas: habilidades profissionais, artísticas, científicas, comunicacionais, políticas etc. Para aprender a fazer é vital democratizar a palavra, vivenciar desde a infância a democracia, perder o medo da rígida hierarquia escolar, desenvolver competências e acrescentar humanidades as pessoas, e com uma visão de sociedade sustentável.

Aqui a chave é o pensar-agir, a coerência entre o conhecer e aplicação prática do conhecimento, a transformação de realidades pela construção de parâmetros éticos na vida cotidiana.

#### c) Aprender a viver juntos

Este talvez seja o maior desafio do processo educativo. Aqui é fundamental o reconhecimento da diversidade e o respeito aos valores do pluralismo. A escola ainda não está preparada para reconhecer e dialogar com as diferenças. A dialogia na comunidade escolar é pobre. Os professores, além da troca de cumprimentos e idéias rápidas na sala dos professores e nos intervalos, se conversam muito pouco; entre professores e alunos há uma autêntica muralha : alunos desconfiam de professores, grande parte dos professores se consideram donos do poder e do saber e matam o espírito crítico do aluno e a sua curiosidade; não há uma cultura de relacionamento entre professores, alunos e funcionários, estes são mão de obra pronta para servir e não para serem considerados como sujeitos dos processos educativos. O saber formal é muito autoritário e impõe verdades duras na realidade escolar. Aqui deixo indicado aos supervisores que repensem o seu papel, a sua função nos processos educativos, não apenas como fiscais da qualidade discutível de ensino, mas como transformadores de realidades e impulsionadores de novos paradigmas da educação. Com este horizonte os supervisores poderão vir a ser elos vitais para a construção da cultura da paz nas escolas e na comunidade escolar. Ações de cooperação entre alunos e da escola com a comunidade devem ser centrais nas atividades escolares, pois o sucesso individual e a competição norteiam a vida em sociedade e o imaginário social.

#### d) Aprender a Ser

Esta deveria ser a finalidade última de todo o processo educativo na família, na vida religiosa e comunitária, na vida escolar. Para aprender a ser, o estudante deve ser formado na sua integralidade : inteligência, sensibilidade, responsabilidade social e pessoal, ética, espiritualidade etc. Ao contrário de uma educação tradicionalista deve afirmar o direito de

criar fundador da cultura e construir-se como sujeito. O lugar da arte deveria ser mais destacado na educação. Ela contribui para um aperfeiçoamento do ser, forma comunidades de emoção e seres sensíveis a vida.

Trabalhos culturais com arte demonstram contribuir para o desenvolvimento da auto-estima e da sociabilidade do jovem, componentes indispensáveis da cidadania.

#### CAMINHOS PARA A CONSTRUÇÃO DA CULTURA DA PAZ ATRAVÉS DA EDUCAÇÃO

Entendemos como cultura de paz a consciência permanente de valores da não - violência social. A cultura da paz vai mais longe do que construir a paz. Cultura da paz não é simplesmente ausência de guerra. É diferente também da passividade e da resignação. A cultura da paz não elimina oposições ou conflitos mas pressupõe a resolução pacífica dos conflitos. E resolver os conflitos sociais de forma pacífica é uma mudança radical nos paradigmas que dão sustentação ao atual modelo civilizatório.

Passo então a comentar alguns pressupostos definidores da Cultura da Paz apontados pela UNESCO.

Vivemos hoje uma possibilidade concreta de destruição das formas de vida, é a primeira vez que isto acontece na vida planetária. Outras civilizações anteriores não tinham este poder de fogo. Criamos uma civilização que não respeita a vida pois aprendemos a sujeitar a natureza a nossos desígnios. Respeitar a vida em todos os níveis é o início de uma cultura da paz." Tudo que vive é o teu próximo", disse Gandhi. Devemos desenvolver um amplo cuidado com as crianças, com os mais velhos, com os pais e filhos, com a comunidade dos seres vivos animais e vegetais, com o outro e consigo mesmo.

A educação deve voltar-se para ensinar em todo o seu processo o respeito a vida.

Rejeitar a violência é a base da cultura da paz. Não só a violência criminalizada, passível de condenação, mas também aquela naturalizada, não reconhecida pelos cidadãos, que passa distante do processo e da punição. Aquela presente nas relações autoritárias existentes na família, o despotismo no local de trabalho, as relações de caráter racista e sexista, muitas vezes sutil na repressão e no terrorismo estatal ou de grupos privados, muitas vezes escondidos atrás de uma aparente "boa" causa.

A cultura da paz rejeita a violência física, sexual, étnica, psicológica, de classe, das palavras e ações. Mesmo as metáforas bélicas, utilizadas para se atingir objetivos estratégicos comunitários ou empresariais devem ser definitivamente banidas do dicionário da cultura da paz, pois o seu ponto de partida desta cultura é a cooperação com a comunidade dos seres vivos e o desenvolvimento interior das pessoas.

Já é o momento de se criar programas amplos de cultura da paz nas escolas para formar uma nova geração de pacifistas que saiba dialogar, negociar, argumentar, cooperar a partir de relações de amor com as pessoas. Verdadeiros agentes e mediadores da paz.

Algumas experiências já em curso devem ser destacadas. O Instituto Palas Athena tem sido um ponto de referência muito decisivo para inspirar valores da Cultura da Paz no país, particularmente em São Paulo. O Programa Gandhi e a Não-Violência desta instituição visa subsidiar educadores com experiências de resolução de conflitos e o diálogo como instrumento de convivência. Junto a Polícia Militar de São Paulo, a Polícia Civil e integrantes de Conselhos Comunitários de Segurança Pública (Conseg's) desenvolve o Concurso Gandhi e a Não-Violência que consiste na elaboração de redação que relacione não-violência e segurança pública tendo como base o pensamento de Gandhi.

A Paz pede Parceiros reúne voluntários, artistas, professores, monitores no espaço público para realizar várias atividades baseadas na simplicidade voluntária, na cidadania responsável, na ética solidária e na valorização das diferenças,. Por exemplo: dança da paz, caminhada silenciosa, jogos cooperativos, danças sagradas, expressões dos jovens etc

A Aliança por um Mundo Responsável, Plural e Solidário, A Rede Mundial de Artistas e o Instituto Pólis têm realizado Conversas de Rua sobre a Paz em vários pontos da cidade de São Paulo. Trata-se de uma atividade que envolve a população em um diálogo sobre vários temas sempre com a presença da arte como fator de união e estímulo. Da mesma Aliança o projeto Tambores pela Paz tem feito soar a convergência e a solidariedade em vários pontos do planeta. No ano passado, em 21 de junho, a Aliança estimulou e participou diretamente de Tambores pela Paz, na África através da Caravana Africana pela Paz, Barcelona, França, Brasil (São Paulo em todas as regiões da cidade, Maceió, Brasília, Rio de Janeiro). Os eventos artísticos simbólicos que podem reproduzir o imaginário da Paz são muito importantes para criarmos um clima favorável a criação da Cultura da Paz.

Em São Paulo, no ano passado, realizou-se pela prefeitura de São Paulo e com a coordenação da Aliança o Psicodrama da Cidade ,em 150 pontos do município. A idéia foi desenvolver uma escuta da população sobre os seus principais problemas, desafios e conflitos e sugerir soluções.

Mas vamos a outra chave para a criação de uma Cultura da Paz: a generosidade. Estamos, cada vez mais, perdendo a nossa capacidade de dar-se, estamos encapsulados em nós mesmos, nos fechamos muito para os outros. Muitas vezes não temos valores suficientes ou mesmo tempo para celebrarmos o outro. Justificamos tudo pelo medo, pela cultura da pressa, pela vida louca das cidades este compartilhar pouco do mundo cotidiano. Fico perplexo ao ver jovens cruzarem colegas ou professores na universidade, ao conviverem durante um semestre, não celebrarem um bom dia, sociabilidade mínima do dia a dia. Felizmente o mundo ainda tem exemplos de generosidade: as mães, os seguidores de Gandhi, as pessoas espiritualizadas, aquelas de bom coração, pessoas comuns que encontramos no dia a dia, muitas ONG'S, o trabalho voluntário que preocupa-se em solidarizar-se com os mais carentes e construir a paz e muitos outros.

A educação deve preocupar-se em ensinar ao jovem e a criança a dedicar parte do seu tempo e recursos materiais no cultivo da generosidade. Félix Guattari no seu ultimo artigo, "Por uma Refundação das Práticas Sociais" propunha para a sociedade do futuro uma redefinição do tempo: aquele destinado a reprodução da vida material e outro para a economia dos valores sociais e mentais.

Mas nada disso será real sem diálogos. O mundo está carente de escutas e diálogos. Mais ainda que dialogar necessitamos intercultural, ou seja, crescermos através do diálogo com a diversidade, com a vivência, a visão de mundo e a razão dos outros. O nosso grande desafio é viver juntos, a convivência. "O futuro da Bósnia não é a tolerância, mas a convivência disse em Barcelona o prefeito de Sarajevo"

É muito limitado para superarmos o paradigma da cultura da violência pensarmos nos termos tolerância/intolerância. Quando toleramos não compreendemos nem compartilamos. Portanto, a nossa educação deve-se voltar para ensinar a ser convivente e não apenas para tolerar. Uma cultura forte se constrói na dialogia, portanto não há cidadania cultural sem uma escuta cultural das diferenças. Um novo paradigma educacional terá que ser criado a partir da diversidade cultural e da escuta.

Na escola e na vida é necessário escutar silêncios, gestos, olhares, toques que podem dizer mais que todos os discursos bem articulados racionalmente e com retórica impecável.

Devemos nos empenhar em desconstruir um discurso monolítico do saber no interior da escola, o autoritarismo de um certo saber oficial. Grande parte dos nossos professores ainda vivem de um mundo autoritário, de saberes formais e indiscutíveis.

O saber do futuro será multicultural, aquele que se complementa no outro, um saber que amplia a condição humana.

Estabelecer trocas entre diferentes é uma chave para a formação, assim perdemos o nosso etnocentrismo e aprendemos visões e soluções que nos podem acrescentar humanidades. O jovem, por exemplo, pode conhecer jovens de outras escolas, da comunidade, participar de festividades de outras culturas, assistir a outros cultos religiosos, ouvir diferentes gêneros musicais, visitar quilombos e aldeias indígenas, ouvir histórias ancestrais e, assim, ampliar a compreensão da pluralidade e o repertório de valores humanos das crianças e do jovens. Considero equivocado ensinar a criança e ao jovem a manipular instrumentos tecnológicos sem contextualizá-los num cenário de vivências. Hoje se fala muito em inclusão digital, importante sem dúvida, mas que não pode ser isolada dos contextos existenciais, vivenciais, presenciais da condição humana, sob o risco de prepararmos o jovem para o mundo tecnológico e não para um mundo mais humano.

Num mundo globalizado vivemos a interdependência. A realidade e a ação não são mais globais mas glocais, ou seja locais e globais. O local é inseparável do global. Somos uma parte do todo. A metáfora do mundo não é mais a máquina mas o holograma, como diz o físico Fritjof Capra (de holos, todo em grego), ou seja, em cada parte está o todo. A idéia de preservar o nosso planeta deve ter força na educação do presente. Devemos trabalhar para a formação de uma cultura planetária estimulando uma tomada de consciência dos desequilíbrios do planeta e as soluções micro e macroecológicas, locais e globais.

Finalmente devemos construir a solidariedade. Neste mar de egoísmo e individualismo encontramos a solidariedade. Esta é uma marca registrada do final do segundo milênio e início do terceiro. Devemos educar as novas gerações para recompor laços de solidariedade: nas relações de gênero, entre pais e filhos, professores e alunos, comunidade e escola, direção e corpo docente, idosos e jovens, a solidariedade inter-geracional etc. A solidariedade deve se expandir para outras espécies, animais e vegetais. Hoje existe um amplo movimento mundial pela solidariedade humana e da nossa espécie com animais e vegetais. Não há mudança possível sem descobirmos que pertencemos a uma espécie que se solidariza com a vida. Para tanto necessitamos mudar o nossa visão antropocêntrica que diz que somos os reis, ou melhor, os déspotas absolutos da natureza, e desenvolver uma visão de que o centro de tudo é a vida e tudo começa pelo direito a vida.

Destaco aqui o papel das mulheres nesta mudança de paradigmas: a afirmação dos valores femininos e da natureza feminina da alma humana podem nos trazer uma nova percepção do mundo e da vida. Somos herdeiros do patriarcalismo que dominou a natureza e precisamos agora buscar novos diálogos e novos laços de solidariedade.

#### MAHATMA GANDHI E A CULTURA DA PAZ

Pretendo terminar estas reflexões com algumas passagens de Mahatma Gandhi, guia espiritual de uma nova educação que tem por finalidade a criação da Cultura da Paz..

Vamos nos iluminar:

"A força da não-violência é infinitamente mais maravilhosa e sutil que as forças materiais da natureza, como a eletricidade"

"A não-violência não consiste em renunciar a toda luta contra o mal. A não-violência como eu a concebo, é, ao contrário, uma luta contra o mal mais ativa e mais real que a da lei de Talião, cuja natureza própria é desenvolver, com efeito, a perversidade"

"Onde houver conflito, onde houver oposição, triunfe através do amor."

"O mundo não é totalmente governado pela lógica: a própria vida envolve certa espécie de violência, e a nós nos compete nos compete escolher o caminho da violência menor"

"A força gerada pela não violência é infinitamente maior do que a força de todas as armas inventadas pela engenhosidade do homem"

"O teu inimigo se renderá não quando sua força se esgotar, mas quando o teu coração se negar ao combate"

"A única coisa que as nações do Ocidente ensinaram ao mundo, com as letras de fogo, foi que a violência não leva nem a paz nem a felicidade. O cultivo da violência não tornou felizes, nem melhores, elas ou aquelas com quem entraram em contato."

Penso que estas passagens da obra de Gandhi falam por si. O estudo do pensamento de Gandhi torna-se no mundo contemporâneo, marcado pela violência generalizada, um manancial de valores e de vivências que pode nos iluminar e despertar o amor pelo próximo, chave da Cultura da Paz. Precisamos mais do que nunca de um mundo não só materialmente farto mas também espiritualmente rico, não mercantilizado, cheio de gratuidades, um mundo mitologizado, um mundo de muitas cores e poeticamente habitável. Um mundo de pessoas educadas desde o berço, não para a competição desenfreada e para o desenvolvimento material, mas para o crescimento interior e a CULTURA DA PAZ.

(Texto elaborado especialmente para o Congresso da APASE - Sindicato de Supervisores do Magistério no Estado de São Paulo, Águas de Lindóia, Estado de São Paulo, maio de 2002.)